



FRANÇA

Estudantes em fúria

Protestos pela melhoria do ensino se espalham por várias cidades do país e afetam o funcionamento de 564 escolas. Jovens do ensino médio denunciam carga horária exaustiva e ausência excessiva de professores. Governo critica uso da violência

» RODRIGO CRAVEIRO

Melhores condições de ensino. Com essa demanda, estudantes saíram às ruas das principais cidades da França, improvisaram e incendiaram barricadas e entraram em choque com as forças de segurança. Os protestos, que começaram na semana passada e se espalharam entre jovens de 15 a 18 anos de outras regiões do país, afetaram o funcionamento de 564 escolas, de acordo com autoridades. Na capital Paris e em Estrasburgo, as manifestações ganharam contornos violentos. Um policial também foi brutalmente agredido, em Belfort (nordeste), por “arruaceiros”, como descreveu o ministro do Interior, Laurent Nuñez. Na entrada da escola Turgot, no centro de Paris, vários estudantes, alguns encapuzados, bloquearam a entrada do prédio com faixas com frases, como “Não vamos parar até que sejamos ouvidos” ou “Quem nos protege da polícia?”. “O horário está pesado demais. Muitas vezes temos aula das 8h às 18h. Além disso, estudamos duas horas por dia em casa. Não temos tempo para atividades extracurriculares”, explicou à agência France-Presse Simon, um estudante de 15 anos que pediu para não ter o sobrenome revelado. Entre as reclamações dos manifestantes, figuram as faltas excessivas dos professores e a inexistência de substitutos, em um momento em que a França tenta reduzir os gastos para reduzir a dívida pública.

Em entrevista ao **Correio**, Jean-Yves Camus — cientista político da Fundação Jean Jaurès (em Paris) — afirmou que o principal motivo para os protestos é a escassez de verbas dedicadas à educação. “Isso resulta em turmas superlotadas. Os manifestantes também destacam a escassez de professores e os baixos salários pagos à categoria”, disse. “Muitos manifestantes incluem palavras de ordem que nada têm a ver com o sistema educacional, como o apoio a Gaza. O partido de extrema-esquerda de Mélenchon, o LFI, frequentemente está por trás dos protestos, tentando conferir ao movimento uma postura mais ideológica contra o Estado e a polícia.”

Ainda segundo Camus, protestos têm sido recorrentes na França sempre que o governo tenta reformar o sistema educacional. “Com a eleição presidencial à vista, os representantes eleitos do LFI atuam de forma muito ativa ao lado dos manifestantes e não hesitam em confrontar a polícia”, disse o estudioso. A França escolherá o próximo presidente em 18 de abril.

Na tentativa de chegar a uma solução para a crise, o ministro da Educação, Édouard Geffray, dialogou com sindicatos da área e com associações estudantis, mas não houve consenso. Os representantes dos estudantes reiteraram o apelo para manter o movimento e convocaram uma jornada de grandes protestos para a

Thomas Samson/AFP



Alunos mascarados queimam bicicleta e cestos de lixo para improvisar uma barricada durante protesto no centro de Paris

Miguel Medina/AFP



Patinentes em chamas perto de colégio do ensino médio na cidade de Marselha

próxima terça-feira. Eles criticaram a “falta de medidas concretas”. O governo do presidente Emmanuel Macron (centro-direita) reconhece a legitimidade dos protestos, mas não a violência. Geffray acusou “grupos marginais” de terem “sequestrado” o movimento estudantil.

Feridos

Mais de 300 policiais e gendarmes ficaram feridos, assim como 65

funcionários do Ministério da Educação, entre eles 40 diretores de escolas, além de 170 alunos, desde o início do movimento, segundo as autoridades. Na cidade de Marselha (sul), a segunda mais populosa da França, muitas escolas organizaram aulas remotas, depois que os protestos interromperam, na quinta-feira, os serviços de transportes. Estudantes queimaram patinetes elétricos diante de um estabelecimento de ensino.

5 MIL

Número de estudantes detidos durante os protestos desde a última segunda-feira, segundo o Ministério do Interior

575

Total de feridos nos confrontos entre manifestantes e forças de segurança, incluindo 300 policiais e 170 alunos

O ministro da Justiça, Gérald Darmanin, afirmou que pediu aos promotores que responsabilizem os pais pelos danos causados pelos filhos durante as manifestações e que “paguem pelos reparos”. Somente ontem, 1.747 pessoas foram detidas, de acordo com o Ministério do Interior. Desde segunda-feira, foram mais de 5 mil presos. As primeiras detenções resultaram, nos tribunais, em condenações à prestação de serviços à comunidade.

Derrota ao premiê espanhol

"Vergonha, vergonha!", gritavam milhares de pessoas reunidas ao redor do Congresso da Espanha, assim que souberam que os deputados tinham rejeitado dois decretos sobre moradia propostos pelo governo de Pedro Sánchez. A decisão dos parlamentares representa duro revés ao primeiro-ministro e ao Executivo.

O primeiro decreto, aprovado pelo governo de esquerda, na terça-feira, para enfrentar a crise habitacional, foi derrubado por 178 votos contra e 172 a favor. O segundo foi rejeitado minutos depois, por 184 votos contra e 166 a favor. Em uma Câmara fragmentada, na qual o governo não tem maioria, tampouco surtiu efeito a intervenção de última hora de Sánchez, que pediu aos deputados que fossem “corajosos”. “Peço que estejam à altura do que os cidadãos estão nos pedindo”, declarou.

Milhares de manifestantes vindos da Praça Puerta del Sol, onde há mais de uma semana foi instalado um acampamento para cobrar soluções, acompanharam a sessão do lado de fora. “Isso não pode continuar assim”, disse à agência France-Presse (AFP) Miél Díaz, professor de 23 anos, que afirma não conseguir sair da casa da família devido aos altos aluguéis. “A maioria das pessoas deste país tem um problema com moradia ou conhece alguém que tem”, acrescentou.

O governo aprovou os decretos em meio à onda de protestos desencadeada pelo despejo, na semana passada, de Maricarmen Abascal, uma moradora de Madri de 87 anos, obrigada a deixar o apartamento onde vivia havia sete décadas. Os textos incluíam a renovação automática dos contratos de aluguel no vencimento e medidas para restringir os despejos de inquilinos vulneráveis. Também miravam os chamados “fundos abutres”, que compram imóveis a preços baixos para maximizar sua rentabilidade. “Esta não é uma sessão qualquer. Milhares de pessoas estão acompanhando a votação”, advertiu a ministra da Habitação, Isabel Rodríguez.

Com a rejeição dos decretos, a oposição intensificou os pedidos para que Sánchez antecipe as eleições legislativas, previstas para 2027. “Quanto antes forem as eleições, melhor, mas que sejam transparentes, livres e sem trapaças”, declarou o líder do partido de extrema direita Vox, Santiago Abascal. Integrantes do governo não deram sinais sobre essa possibilidade. “Conversei com ele e minha discrição será absoluta sobre esta questão”, disse a vice-presidente do governo, Yolanda Díaz, à rádio Cadena Ser.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

TODOS DE OLHO NA JOGADA DE TRUMP

A decisão dos Estados Unidos de suspender, “por razões de segurança”, o funcionamento da embaixada em Brasília e dos consulados em outras cidades do país recolocou as muitas questões abertas sobre as relações bilaterais, às vésperas do primeiro turno da eleição presidencial. Nas últimas semanas, e mesmo nos últimos dias, a definição sobre quem estará nos próximos quatro anos à frente do Planalto tem estado na primeira página, aqui e ali: Donald Trump não faz segredo sobre seu interesse em fechar, aqui, uma manobra política pela qual colocou aliados à frente do governo em uma dezena de países nas Américas Central e do Sul.

Não por coincidência, o próprio presidente estadunidense frisou a importância que dá ao desfecho da eleição que começa amanhã. No plano estratégico da Casa Branca e do Departamento de Estado, o Brasil não representa apenas “mais um”: significa, em caso de

outro resultado eleitoral favorável, assegurar a influência inquestionada sobre o sul do hemisfério americano. E, principalmente, estancar qualquer impulso de resistência ao movimento iniciado por Washington para restabelecer a relação definida na afirmação de que, ao sul do Rio Grande, o que se apresenta é o “quintal” dos EUA.

Caso contrário, as atenções se voltam para a primeira terça-feira de novembro, 10 dias depois do eventual segundo turno brasileiro. Lá, o que está em jogo é a maioria trumpista nas duas casas do Congresso. A somatória dos resultados, aqui e ali, vai definir as relações bilaterais pelos próximos anos.

Na vitrine

Precisamente o ânimo da Casa Branca em relação ao desfecho da disputa pelo Planalto é o que move, em boa parte, o interesse externo pela eleição de

amanhã. Não que seja indiferente o resultado em si, pelo ponto de vista de descortinar os rumos que o Brasil tomará no próximo quadriênio. Mas, à parte os interesses, por exemplo, dos parceiros europeus, de olho na implantação do acordo de livre-comércio recém-firmado entre União Europeia e Mercosul, as capitais do Velho Mundo acompanham, entre atentas e apreensivas, as reações de Washington ao desfecho da disputa entre Lula e o herdeiro do clã Bolsonaro.

Não por acaso, nos limites da discrição recomendada pela diplomacia para esse tipo de articulação, o Itamaraty vem costurando com parceiros europeus — e outros — o endosso rápido e conclusivo aos resultados oficiais a serem proclamados pela Justiça eleitoral brasileira.

Quatro anos atrás, com Joe Biden na Casa Branca, o aval dos EUA foi fator decisivo para inibir adesões militares a qualquer tipo de “virada de mesa” contra a vitória de Lula. Hoje, o candidato

principal da oposição conta com simpatia indisfarçada na Casa Branca, sem falar no lobby mantido nos EUA pelo irmão — que, por sinal, não faz segredo da ambição de comandar o Itamaraty em um eventual governo bolsonarista.

Papel carbono

Eduardo Bolsonaro, “exilado” nos EUA desde o começo do ano, alegando “perseguição” no Brasil, antecipou a disposição de, no caso de assumir o posto, com a vitória do irmão Flávio, implantar no MRE a matriz gravada no Departamento de Estado, em Washington, pelo secretário Marco Rubio. Anticomunista ferrenho e, até pela origem familiar, inimigo jurado do regime cubano, Rubio reorientou a diplomacia estadunidense para fazer dos governos latino-americanos de esquerda seu alvo central. O próprio Trump, mais de uma vez, mencionou seu nome como “o meu presidente” para uma Cuba pós-castrista.

Quanto ao filho que o ex-presidente brasileiro identifica como “03”, os planos para uma eventual gestão do Itamaraty

começam a ser esboçados. Eduardo avisou previamente aos diplomatas que tenham sido “obstáculo” ao governo do pai, entre 2019 e 2022, que não terão vida fácil, caso seja ele o titular da pasta a partir de janeiro.

Eles chegaram

Por essas e outras, correspondentes de jornais europeus baseados na vizinhança, em especial em Buenos Aires, deslocaram-se em massa ao Brasil para acompanhar a votação de amanhã. Nos últimos dias, manifestaram interesse, sobretudo, pela revelação recente do jornal britânico *The Guardian* sobre a destinação de US\$ 1 milhão de um fundo público dos EUA, pelo governo Trump, para financiar a campanha de opinião pública contra o Supremo Tribunal Federal, no Brasil. A reportagem, que deu origem a investigação da Advocacia Geral da União (AGU), acrescentou combustível ao acirrado debate que marcou os últimos dias de campanha para o primeiro turno — e se projeta como tema escalado para um eventual tira-teima, no último domingo do mês.